

GT71: Retomadas e autodemarcações de terras indígenas: processos de luta, memória e ritual

Jurema Machado, Daniela Alarcon

Na acepção guarani kaiowá, jeike jey significa entrar, ocupar, enfrentar, afrontar; trata-se da designação utilizada por esse povo para classificar seus processos de recuperação territorial (Benites, 2014). Assim como os Guarani Kaiowá, indígenas de todo o país têm levado a cabo intrincadas estratégias de luta pela terra. A proposta deste GT é reunir trabalhos que discutam retomadas de terras e autodemarcações como ações de enfrentamento ao esbulho. A partir de nossas pesquisas e de trabalhos de outros antropólogos, observamos como esses processos se revestem de complexidades que ultrapassam análises instrumentais, que veem na ocupação do território o fim último. As mobilizações para recuperação territorial engendram o retorno de pessoas e encantados, articulações entre famílias extensas, complexos rituais, reavivamento de memórias e novos arranjos na organização social. A maneira como os povos têm refletido sobre seus processos históricos e cosmológicos também está pautada na luta pela terra. Assim, delinea-se um novo desafio para a antropologia: como pensar a conceituação desses processos sem deixar de considerar as particularidades de cada contexto? Acreditamos que a boa descrição etnográfica é o caminho mais potente para a não homogeneização e, por isso, priorizaremos trabalhos pautados em etnografia.

Recuperação territorial no território indígena de Salitre- Costa Rica: matrilinealidade e luta pela terra

Autoria: Louise Caroline Gomes Branco

O presente trabalho é resultado da dissertação de mestrado: " Mujeres indígenas como recuperadoras del Territorio en Salitre- Costa Rica" apresentado na Universidade da Costa Rica (UCR) e que documentou e analisou a participação das mulheres bribris nos processos de recuperação territorial que começaram em 2010 até 2019, no território indígena de Salitre, localizado em Buenos Aires, província de Puntarenas, Zona Sul da Costa Rica. Desta maneira, apresentaremos a sistematização da luta do povo bribri de Salitre, que de 2010-2019 que tem sido os protagonistas dessa luta na Costa Rica. Além disso, buscamos contribuir e visibilizar a participação das mulheres nesses processos de luta pela terra, já que elas aparecem como defensoras centrais dos direitos territoriais e indígenas. A metodologia adotada foi revisão bibliográfica sobre os aspectos sociais, econômicos e históricos do pacífico Sul e especificamente de Buenos Aires, com a finalidade de evidenciar o abandono histórico da região por parte do Estado, também com o objetivo de identificar algumas expressões de racismo contra os povos originários exercidas pela população não indígena que mora nesta área. E também trabalho de campo de 2016-2018, partindo da observação participante e também a realização de uma oficina sobre cartografia social, " cartografando o territorio cuerpo, territorio tierra". Como resultados, apresentamos a discussão sobre como a matrilinealidade além de ser um fator diacrítico dos bribris de Salitre, também se converte em um fator determinante nos caminhos políticos da disputa de terras, e os resultados da oficina sobre cartografia do territorio-cuerpo-tierra (CABNAL, 2010). Ressaltamos que as recuperações em Salitre e em outros territórios indígenas da Costa Rica não acabaram, a luta continua e é uma experiência latino-americana que dialoga muito com a realidade de outros grupos étnicos no Brasil e que pretendemos relacionar também nesse artigo.

[Trabalho completo](#)

33ª Reunião Brasileira de Antropologia - RBA

A 33ª Reunião Brasileira de Antropologia (RBA) foi realizada de forma on-line, pela Associação Brasileira de Antropologia (ABA) e em parceria com a Universidade Federal do Paraná (UFPR), entre os dias 28 de agosto a 03 de setembro de 2022.

Às vésperas do bicentenário da Independência política do Brasil, a entidade mais antiga das Ciências Sociais do país – Associação Brasileira de Antropologia (ABA) - realizou o evento que contou com a participação de mais de 2 mil pesquisadores/ pesquisadoras da Antropologia e área afins oriundos da América Latina, América do Norte, Europa e África.

A programação contou com: 76 Grupos de Trabalhos, 32 Simpósios Especiais, 54 Mesas Redondas, 05 Oficinas, 04 Minicursos, 04 Conferências, 06 Reuniões de Trabalho, Lançamentos de Livros, Atividades do Prêmio Pierre Verger (Mostras de filmes, ensaios fotográficos e desenho); Feira de Livros e diversas premiações (Prêmio Pierre Verger, Prêmio Lévi-Strauss, Prêmio Lélia Gonzales, Prêmio Heloisa Alberto Torres, Prêmio Antropologia e Direitos Humanos, Prêmio de Ensino de Antropologia, Prêmio de Divulgação Científica, além da Medalha Roquette Pinto).

A Reunião permitiu à comunidade antropológica reafirmar seus compromissos com os direitos dos povos indígenas, com as populações das periferias, com as comunidades quilombolas, LGBTQI+ e de favelas. Se tratou de um evento de primeira grandeza para a Antropologia nesses tempos em que os direitos básicos estão ameaçados, possibilitando a reflexão, o questionamento e o pensar sobre os desafios e dilemas da atualidade.

Realização:



Apoio:



Organização:

